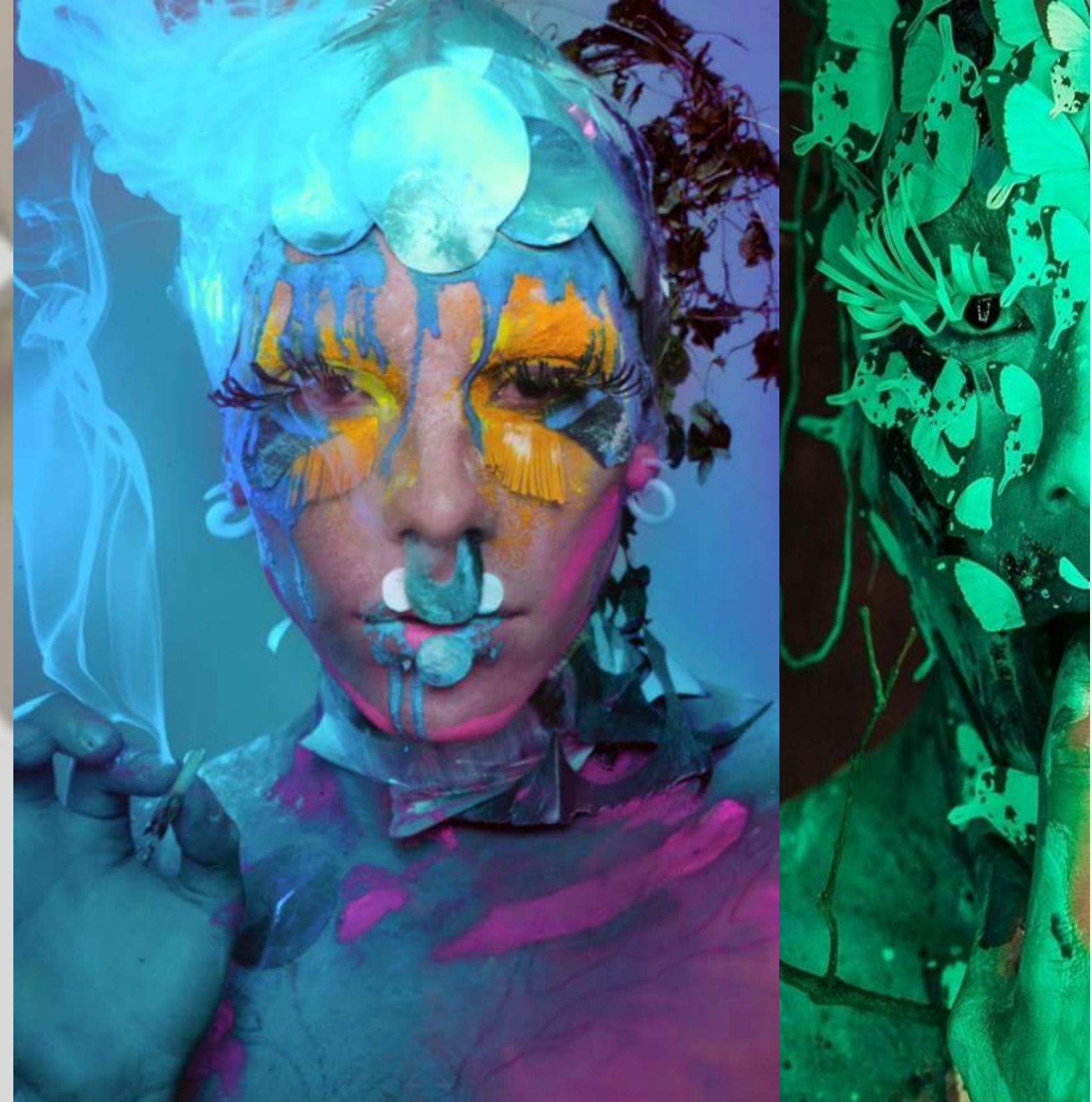


LEIGH BOWERY E ALMA NEGROT: ARTE, CORPO E IDENTIDADE EM PERSPECTIVA QUEER

Bolsista: DAVID CECCON
Orientador: ALEXANDRE SANTOS



INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa, inserida no projeto *A fotografia na arte contemporânea: diferença e micronarrativas* do Professor Pesquisador Alexandre Santos, visa refletir sobre os trabalhos de performance dos artistas Leigh Bowery (Sunshine, Austrália, 1961 – Londres, Inglaterra, 1994) e Alma Negrot (Porto Alegre, Brasil, 1995) em uma perspectiva *queer*.

Este estudo tem como alicerce a *Teoria Queer*, criada por Judith Butler (1990)¹ e fortemente influenciada pelos estudos feministas, das minorias sexuais e pelos trabalhos de Michael Foucault, pensa o gênero, a identidade e a sexualidade como construtos culturais e históricos. Afastando-se das noções binárias de sexo, gênero e sexualidade, ela propõe uma visão pós-identitária dos sujeitos. O *queer* é entendido como desestabilizador da lógica política, social e cultural, ao propor uma visão de identidade ambígua, mutável, plural e não-substancial, assim como ao formar um novo entendimento sobre o indivíduo.

A teoria deleuziana sobre diferença (2000)² vem ao encontro dessa postura, defendendo a desierarquização e pluralização dos indivíduos e das categorias.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Tem-se como objetivo neste estudo, refletir como se desconstrói o binômio masculino/feminino e pensar como estas questões que vêm a formar uma nova visão do indivíduo se articulam ao campo artístico. Para isso, visou investigar como a performance destes artistas suscita novas visibilidades para os corpos e entender quais impactos sociais políticos e culturais podem ser gerados ao pensar estas produções em perspectiva *queer*. Pesquiso, também, a pensar de que modo a produção desses artistas pode vir a contribuir para uma política pós-identitária dos sujeitos. Por fim, pretendo pensar sobre as indumentárias utilizadas pelos artistas em questão e o modo a partir do qual elas se relacionam com as questões de identidade, gênero e performance do corpo.

Para tal análise, proponho uma metodologia comparativa, a partir do entrecruzamento do trabalho de dois artistas de épocas e contextos diversos: parto do estudo das fotografias feitas por Fergus Greer e Werner Pawlok do artista performer australiano Leigh Bowery para pensar a performance e a desconstrução do corpo no cenário nacional contemporâneo, a partir de um estudo de caso da produção artística de Alma Negrot/Raphael Jacques. No cerne deste pesquisa, interessa-me, as relações podem ser firmadas entre a produção artística no Brasil e as questões de identidade, diferença e *queer*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suas performances, Leigh Bowery cria um novo lugar para o corpo a partir de indumentárias - ao mesmo tempo que elas reafirmam sua forma, transportam-no para um outro significado distante do sendo comum. Ao criar novas percepções através de suas performances, ele também se distancia dos significados culturais imbuídos aos corpos, das identidades fixas e do falso binômio masculino/feminino: o corpo é um lugar de criação, é um suporte artístico que é capaz de gerar novas visualidades, novas identidades, novos significados. O corpo, deste modo, é entendido como um lugar performático, firmando a descontinuidade em relação ao sexo biológico, sexualidade e ao padrão de gênero culturalmente imposto.

No trabalho artístico de Raphael Jacques e seu *alter ego* Alma Negrot, esta relação também está presente. Partindo do universo *Drag Queen* e tendo como referência artistas performers, dentre eles o próprio Leigh Bowery, Raphael Jacques cria um novo lugar de identidade: o corpo surge como superfície de experimentação, não é feminino nem masculino e nem orbita nestes universos, não é fixo, mas uma criação constante. O corpo adquire significados e simbologias em sua performance e serve como tela em que podem ser inscritos diversas formas e discursos. As questões raciais, de gênero e de classe social são fortes preocupações em seu trabalho e se vinculam à realidade brasileira, trazendo uma potência política e social ao seu trabalho. Raphael Jacques constrói uma miscelânea da cultura brasileira, traz as cores tropicais, ícones da cultura, a alma africana e seu legado pós-escravidão no cerne de suas performances e interesse como artista. Sua experimentação corporal, desta forma, é duplamente crítica e política: ao construir uma visão pós-identitária do corpo e ao agregar, a esse novo lugar do corpo, símbolos e signos culturais de denúncia e empoderamento, o artista desenvolve sua produção vinculando-se as questões da Teoria Queer em uma espécie de antropofagia, sem renegar as questões próprias de sua realidade local.

¹Judith Butler. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. Routledge, Chapman and Hall Inc. 1990

²Gilles Deleuze, *Diferença e Repetição*. Lisboa: Relógio d'Água, 2000

REFERÊNCIA IMAGENS:

Fergus Greer – Leigh Bowery, session II, Look 10. July, 1989.

Carlos Sales. *Modulações imaginárias transfigurando um espaço*, 2016.

Guilherme Alonso. *Seiva (Alma Negrot)*. Fotografia Digital, 2016. (fragmento)

Carlos Sales. *Espectros (Alma Negrot)*. Fotografia digital, 2016. (fragmento)